

### Resumo

Este trabalho versa sobre o *Camming*, modalidade mediada por plataformas para encontro ou visualização de pessoas, com cunho sexual. Reflete-se, a partir da Psicanálise, que esta é uma forma de acesso ao amor e para amar, dando lugar a manejos do mal-estar contemporâneo diante do desamparo. Em específico, apontam-se tanto a repetição da busca de reconhecimento, na lógica do amor romântico, como um acoplamento deste ideal de encontro e resolução do desamparo às condições tecnológicas em voga.

O ser humano tem, como condição de existência, a impossibilidade de nascer preparado, ciente das ações que permitiriam sua sobrevivência. Isso se torna ainda mais específico quanto ao desenvolvimento do Sistema Nervoso Central. Ou seja, o ser humano nasce pré-maturo.

A prematuridade ao nascer, aliada ao fato de não ter movimentos voluntários (só alguns reflexos) é “resolvida” com a existência do neocórtex que permite aprendizados de forma ampla e rápida e porque os bebês humanos são recebidos por outros humanos que cumprem o processo educativo-ensinativo, trazendo cotidianamente as ações, que específicas, permitem a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência.

O encontro entre o bebê e o outro assegurador não é de todo tranquilo. Vem com as insígnias do outro que abarcam muitas coisas, para além dessas ações específicas; essas insígnias são veiculadas pela linguagem.

A linguagem, através da língua, marca cada ação do bebê, cada experiência, cada acontecimento e isso delimita sua existência como pertencida por quem dele cuida. Na sua situação de prematuridade, bebês humanos são, pois, apetentes desse outro assegurador.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, coordenadora do NEPE – núcleo de estudos em psicanálise e educação (Poços de Caldas, MG).

<sup>2</sup> Psicanalista, membro do NEPE – núcleo de estudos em psicanálise e educação (Poços de Caldas, MG).

Bebê e outro assegurador constituem o Campo do Outro, em que as trocas sensoriais, afetivas, sustentam a amarração das imagens aos sons e dos sons às palavras, de forma contínua e dinâmica. Mas, do lado do bebê, isso não é conhecido, pouquíssimo entrevisto. E do lado do outro assegurador, não é intencional, é condicionado por seu crédito naquele que ainda não é.

Desde o início da vida, o ser humano, então, encontra-se em uma condição de *desamparo*. E o outro, assegurador, é a certeza de quem é ou pode ser. Certeza, porém, marcada pelas imagens, pelas sensações de prazer-desprazer que balizam a criação do aparelho psíquico.

Esta condição é universal e atemporal, mas as formas como cada época histórica lida, interfere e maneja tem características diferentes. A ilusão de completude inicial não perdura e causa conflitos porque cada humano é radicalmente diferente um do outro, causando mal-estar (FREUD, 2020).

Na Modernidade, uma das formas desta ilusão da busca pelo outro assegurador acontece com o parceiro amoroso, que traria a chance de se *fazer um com dois* – além de isso não ser possível, essa mesma condição traz a ideia paradoxal de que, justamente por isso, busca-se esse encontro eternamente.

Duas questões se apresentam conceitualmente: a demanda (que é sempre de amor e amor é reconhecimento – com a ressalva de que amor é também ódio ou *amódio* e isso também faz reconhecimento) e o desejo inconsciente (que é o movimento em torno de um objeto para efetivar a satisfação – a menor tensão possível).

O encontro com o outro é, então, um desencontro. E quanto mais há desencontro, mais busca, incessantemente. De certa forma, a demanda de reconhecimento ativa o desejo inconsciente e a não possibilidade de satisfação plena retroalimenta a questão do reconhecimento.

Como dito antes, isso toca, sobremaneira, o tema dos encontros amorosos. Mais ainda na Modernidade, em que o *amor romântico* situa o encontro entre as pessoas de acordo com algumas prerrogativas: um momento de feliz acaso, o encontro balizado pela identificação imediata de um/uma com o outro/outra, na promessa de “felizes para sempre”. Há várias formas das culturas fazerem encontros amorosos. A que perpassa as culturas ocidentalizadas move filmes, livros e o imaginário social. Nesse (des)encontro, corpos que se encontram na sensorialidade tensa, intensa e absoluta, um confronto inevitável com o que se conhece desde sempre: o próprio corpo.

### **Que corpo é esse?**

Em Freud (2010), o corpo (somático) é, antes de tudo, o que se configura através da recepção da barreira de estímulos (externos e internos) – os órgãos dos sentidos. Estes órgãos cumprem a função de barreira, mas também filtram o que terá alguma condição de representabilidade.

O corpo é uma referência consistente que funciona através da captura imagética, “essa imagem de corpo se introduz na economia do gozo. Nosso mundo se faz coisa a sua imagem, corpo-reificado” (RINALDI, 2011, p. 441). Não sem estranheza para o próprio sujeito! E não sem mal-estar, como indica Freud (2020), pela fragilidade do corpo, sua finitude, além das repetições do funcionamento corporal (agenciadas pela compulsão à repetição, dada pela pulsão de morte).

Não distante disso, Lacan problematiza este corpo, que parte da fisicalidade de recepção dos fluxos sensoriais até a constituição subjetiva, em que a linguagem é o articulador. No Estádio do Espelho, Lacan (1998a) indica o corpo como a fronteira entre o físico e psíquico, pois a imagem do corpo se presentifica na formação do Eu. Neste trajeto ou nessa formação euoica, o corpo ganha a marca do reconhecimento e suporte da demanda, reordenando a economia libidinal e orientando a demanda, desde as zonas erógenas até a fenda aberta do desejo (jamais) satisfeito.

### ***Camming***

As questões do corpo são identificáveis no cotidiano das relações e, também, nas novas formas de acesso aos outros no contato sexual. Para além dos encontros presenciais ou mediados por aplicativos, emergem as possibilidades de encontros em que uma das pessoas está em um ambiente que é acessado por meio de uma plataforma. Isto é o *Camming* (também grafado como *Caming*).

Após a Pandemia, as telas cumprem esse papel de forma importante; e, claro, capturando como mercadoria quem se oferta e quem vê. O encontro se dá na forma de um *streaming*<sup>3</sup>, em que há monetização e há, sim, conversas, propostas e a boa e velha fantasia. A fantasia de, enfim, encontrar o par perfeito.

---

<sup>3</sup> Streaming é a forma de acessar vídeos, música e outras possibilidades, sem a necessidade download, em tempo real, do servidor ao dispositivo (celular, notebook ou Smart TV).

Ora, se de um lado isso parece a reinvenção da pornografia, é outra maneira de prostituição (trabalho sexual) – já que há pagamento – com a predominância de mulheres:

O trabalho sexual é toda atividade desenvolvida com onerosidade em torno do sexo, seja através da prostituição, por meio da atuação em cenas de pornografia, atividade de caming ou outras similares e, em todas as suas vertentes as trabalhadoras sexuais, em sua maioria mulheres (motivo pelo qual se utilizará a palavra no feminino), encontram como barreira o “estigma da puta”.

(DE MELO, 2022, s/p)

A tela surge como mediadora, um terceiro que condiciona e permite o acontecimento. Em função da distância entre os participantes, a tela é a própria ligação. As telas desvelam o humano em suas formas, ainda como ser no tempo e com os limites dados pelo corpo. O acesso aos corpos no passado ainda é o mesmo no presente. E o tempo se mostra de uma forma constante em seu erotismo.

Dentre as questões contemporâneas do mal-estar, a busca de ser amado e ser reconhecido e validado sempre se apresentam! Acrescente-se o cuidado, pois quem assiste quer ser cuidado e protegido. Ou seja, voltamos ao tema do desamparo.

Como diz a cantora Simone na canção *Música, Música* (1980), este universo que habita a imaginação dos jovens, as revistas, as calcinhas também permeia o universo do desejo. Retroagindo no tempo, as telas mimetizam as “casas de tolerância” (bordéis), na busca dos amores e revelação dos temores.

No *Camming*, o sexo ganha a conotação do real em um encontro não presencial, um espaço de janela aberta dentro de muitas possíveis janelas; favorecendo a ideia de escolha quando, na verdade, o ditame é do anseio desejante.

Neste outro jeito de relação de objeto, acontece a representação de objeto de desejo – o corpo como metáfora. As mulheres na plataforma transferem aos usuários a imagem objetual investida, que materializa o reconhecimento na sexualidade e no corpo. Qualquer sentimento fica fora da cena (uma vez que um clique resolve a situação). Estas mulheres se relacionam com o imaginário do outro, através da lógica voyeurista/exibicionista.

Tal configuração não diminui o desamparo na forma de angústia de perda amorosa. Lacan (1998b), no grafo do desejo, refere dois tipos de demanda (de ténue diferenciação); sendo a primeira a da necessidade e a outra, a de amor.

Na experiência do *Camming*, observa-se que a demanda está direcionada à necessidade, na seguinte questão: “este outro tem o necessário para me satisfazer?”. Logo, se há uma suposição de que o outro tenha algo, o que está implícito é aquilo que ele não tem. E não seria esta a definição do amor?

Neste olhar, conclui-se a segunda demanda que é a do amor, que é conduzida ao outro na direção do não ter, já que o amor não é quantificável, mensurável e nem testificado. É no hiato dessas demandas que Lacan (1998b) vai inscrever o desejo, marcando a pulsão no nível superior, já que ela é superior a todos os estágios. Isso confirmaria Freud (2020), reforçando-se a estranheza e o mal-estar que se marcam nas relações com o corpo, sem diminuir sua consistência. O corpo entrevisto no *Camming*, desejado e ansiado, não é o dos bordeis, mas não é menos que isso. Ainda é o corpo do desejo.

## Referências

DE MELO, M. G. V. H. Maldita Geni e a representação do estigma da puta como um elemento de exclusão da trabalhadora sexual enquanto sujeito de direitos. **VII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra**, v. 7, n. 1, 2022.

DORÉ, P. G. **Paolo e Francesca**. Estilo: Romantism. Pintura: Óleo sobre tela. Gênero: Ilustração. Localização: Coleção particular. Serie: Divine Comedy. Dimensão: 297x194 cm. Original de 1863.

FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. **Obras Completas**. São Paul: Cia das Letras, 2010. Texto original de 1920.

FREUD, S. O Mal-estar na Cultura. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Texto original de 1930.

LACAN, J. Estádio do Espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a. Texto original de 1949.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b. Texto original de 1960.

MÚSICA, música. Intérprete: Simone. Compositores: S. Abel., C. Sueli. In: Disco de Ouro. Rio de Janeiro: EMI-ODEON. 1980. 1 disco vinil. Lado A, faixa 1 (3.58 Min). PL (31C 064 422 879).

RINALDI, D. O corpo estranho. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, v. 14, n. 3, p. 440-451, setembro 2011.